

Cartografia do HABITAR: atravessamentos feministas no devir arquiteta e urbanista na contemporaneidade.

SHIRLEY TERRA LARA DOS SANTOS¹; EDUARDO ROCHA²

¹PROGRAU-UFPEL – ssantosufpel@gmail.com

²PROGRAU-UFPEL – amigodudu@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Em 2015, o Brasil era considerado o 7º país mais violento contra a mulher, de acordo com o “Mapa da Violência” (FLACSO/BRASIL, 2015). Naquele ano identificou-se que o índice de morte de mulheres brancas, nos últimos 10 anos, havia caído para 10%, ao mesmo tempo que, subiu 54% o índice de morte de mulheres negras brasileiras. Atualmente, os números continuam assustadores no que diz respeito as vidas das mulheres, recentemente foi divulgado o “Atlas da Violência 2017” (IPEA, 2017), no qual novamente a residência “unifamiliar” continua sendo o lugar onde a mulher mais sofre violência. Dado que há dois anos, já sabíamos: a moradia da mulher é para ela o lugar de maior risco, sendo a rua (espaço público), apontado como segundo lugar nas ocorrências de agressões às mulheres. Em relação a luta contra violência às mulheres merece atenção para a compreensão da abrangência do termo, em que ações violentas não se restringem somente à agressão física, como também psíquica, sexual, patrimonial, entre tantas outras.

Os estudos sobre cidade e feminismo, cidade e gênero, urbanismo e mulher são mais expressivos do que aqueles que remetem à mulher e a sua casa, ao menos na área em questão. Desta forma cartografar possíveis dispositivos e processos que tratem da moradia brasileira como lugar de empoderamento, liberdade da mulher e não só lugar de violência e opressão se faz necessário e urgente, visto o cenário vivido pela mulher brasileira na contemporaneidade. Sabe-se que com a segunda onda feminista¹ as brasileiras (brancas) saíram às ruas e ao mercado de trabalho, deixando suas casas e filhos ao cuidado de outras mulheres, majoritariamente negras. Bem como, as mulheres negras, de periferia, lésbicas e etc., foram invisibilizadas e exploradas ao longo dos séculos, não somente pelas “patroas” que marcharam pelo sufrágio universal ou pelo direito à anticoncepcionais na década de 60, mas principalmente pela estrutura social estabelecida.

Assim, falarmos sobre feminismo no Brasil sem um recorte de classe e raça é meramente ilusório, quase ingênuo. O entendimento de diferenças de raça e classe na prática e teoria feminista, em qualquer área do conhecimento é fundamental, sendo o racismo, patriarcado e capitalismo o berço das opressões e violências. Portanto os caminhos desta pesquisa se *afectam*² por uma questão geratriz: Como ser uma arquiteta feminista na contemporaneidade? A pesquisa, se propõe a investigar e sistematizar pistas e rastros que dialoguem com a temática feminista e seus atravessamentos na práxis e epistemologia da arquitetura e urbanismo, focando em (re)pensar o “habitar” da e para mulher

¹ Para maior compreensão sobre as ondas feministas, consultar: “O feminismo na história: suas ondas e desafios epistemológicos” (SANTOS, Magda Guadalupe dos, 2014).

² Ação de *afectar* (*afecção*) refere-se ao conceito de *afecto* entendido como uma variação contínua da força de agir e existir do corpo, um estado de vibração que se dá a partir de um encontro. (ESPINOZA, 2007[1677])

brasileira. Cartografando também, um devir enquanto profissional feminista atuante na área, para ROLNIK; GUATARRI³ (1996) “Todos os devires singulares, todas as maneiras de existir de modo autêntico chocam-se contra o muro da subjetividade capitalística”.

2. METODOLOGIA

O trabalho lança um olhar feminista através da cartografia sensível e da escrita e das relações teóricas da filosofia da diferença, para construir de maneira interdisciplinar a pesquisa com cunho qualitativo. Acerca da filosofia da diferença e da cartografia, (KASTRUP; BARROS, 2009), nos trazem Deleuze:

Da filosofia dos dispositivos podemos tirar consequências, como nos indica Deleuze. A primeira é o repúdio dos universais e a segunda, não menos contundente, é a “mudança de orientação, que se desloca do eterno para apreender o novo”. A indicação parece-nos clara: o dispositivo alia-se aos processos de criação e o trabalho do pesquisador, do cartógrafo, se dá no desembaraçamento, de força, de subjetivação. Trabalhar com dispositivos implica-nos, portanto, com um processo de acompanhamento de seus efeitos, não bastando apenas pô-lo a funcionar. (KASTRUP; BARROS, 2009, p. 79)

Os procedimentos metodológicos contam com levantamento de dispositivos poéticos da subjetividade do corpo que narra, observa e habita; e da forma enquanto materialidade, com fotografias, entrevistas e croquis, analisando os processos espaciais projetados ou não. Considerando as relações do corpo *afectado* pelo ambiente, tanto o corpo da mulher “dona da casa”, quanto do corpo da cartógrafa que nesta pesquisa investiga o “habitar” enquanto visitante. Entendendo que as vivências desses corpos coexistem naquele lugar de moradia em questão, e na cidade, dialogando entre si e entre territórios.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As mulheres na arquitetura investigam sobre corpo-cidade há tempos, mesmo sem se afirmar em discursos feministas, como no caso de Jane Jacobs, que no seu livro-manifesto a favor das cidades⁴, em 1961, descreve as relações humanas com a cidade e a casa. Atualmente a arquiteta e urbanista Ermínia Maricato⁵ importante militante à serviço do direito à moradia e à cidade nos surpreende a cada dia com teorias acerca do “morar” do cidadão brasileiro, suas vulnerabilidades e potências transformadoras da urbe. Diferentes profissionais na área de arquitetura e urbanismo ao longo dos anos veem estudando acerca da habitação social e direito à moradia, porém nem todos tiveram a mesma

³ Neste trabalho optou-se por citar os trabalhos coletivos, primeiramente com o nome das mulheres autoras, mesmo que na obra original elas não estejam em destaque. Também por motivos de reconhecimento da autoria, as mulheres aqui citadas serão apresentadas com seus primeiros nomes e sobrenomes.

⁴ “Morte e Vida de Grandes Cidades” (JACOBS, Jane, 1961)

⁵ “As cidades são o principal local onde se dá a reprodução da força de trabalho. Nem toda a melhoria das condições de vida, é acessível com melhores salários ou com melhor distribuição de renda. Boas condições de vida dependem, frequentemente, de políticas públicas urbanas – transporte, moradia, saneamento, educação, saúde, lazer, iluminação pública, transporte, coleta de lixo, segurança. Ou seja, a cidade não fornece apenas o lugar, o suporte, ou o chão para essa reprodução social. Suas características e até mesmo a forma como se realizam fazem a diferença.” (MARICATO, Ermínia, 2003)

credibilidade e visibilidade pelas suas contribuições. Durante “o processo de experimentação, prototipagem e propostas com o objetivo de revolucionar o funcionamento no espaço doméstico criando espaços flexíveis e unitários, relacionados com o entorno cultural ou contexto urbano”, são citados vários nomes de homens, porém muitas mulheres nem todas arquitetas e urbanistas, também trabalharam na pauta e foram invisibilizadas, como apontado por MUXÍ⁶; MONTANER (2011), em “Arquitetura e Política: Ensaio para mundos alternativos”.

Esta pesquisa se autoproclamar⁷ como feminista, reforça o lugar da mulher na história e política, como protagonista de suas próprias lutas. Sem os debates e manifestações feministas ao longo dos séculos, não haveriam mudanças na realidade da mulher, em todo o mundo. Há menos de um século, as mulheres eram proibidas de estudar, décadas atrás, no Brasil as mulheres eram proibidas de votarem, pois eram consideradas “seres não políticos e sem inteligência”, ou seja, impossibilitadas de fazer um voto “consciente”. Nenhuma dessas conquistas foi dada de “presente” à mulher, aliás em alguns países, muitas ainda hoje, vivem sem poder estudar ou votar. Todas as conquistas de direitos humanos hoje usufruídos pelas mulheres são consequência de muita luta feminista, portanto se autoproclamar feminista é sim, um ato ético, estético e político, fundamental para que haja continuidade nos processos de qualidade de vida da mulher.

A partir do recorte teórico feminista decolonialista ou descolonialista estão sendo encontradas compressões espaciais e socioculturais à esta pesquisa. Tais teorias na contemporaneidade são defensoras da visibilização e legitimação dos discursos e lutas das mulheres latino-americanas, entre outras fora do eixo político econômico hegemônico mundialmente, no processo de libertação das amarras e ditos culturais europeizados desde à época colonial. Sendo assim, a mulher brasileira, referenciada como uma potência feminista pode trazer à realidade mudanças estruturais importantes na sociedade, bem como vem fazendo ao longo dos anos. A exemplo a defesa de seus corpos e modos de viver que fogem aos padrões europeus, mulheres latinas que foram naturalizadas como “feias, impróprias e até mesmo impuras ou pervertidas” e que atualmente empoderaram-se de suas trajetórias e territórios, tanto em suas subjetividades como em processos da coletividade. Uma interpretação de “dia-lugares” sobre o habitar corpo-casa, por uma mulher brasileira, pelotense, a poetisa Angélica Freitas, em “A mulher é uma construção”:

*A mulher é uma construção / deve ser / a mulher basicamente é pra ser /
um conjunto habitacional / tudo igual / tudo rebocado / só muda a cor /
particularmente sou uma mulher / de tijolos à vista [...] (FREITAS, 2012))*

Cartografar os “habitar-lugares” de algumas mulheres brasileiras é rastrear processos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização, tanto dos corpos que habitam enquanto donas de suas moradas em visita pela pesquisa, como do corpo que cartografa e se propõe a investigar pistas potencializadoras do seu devir enquanto arquiteta e urbanista feminista.

⁷ “Isso é uma coisa importante, que as mulheres se autoproclamem feministas, que elas digam: eu sou feminista. É importante porque elas marcam o lugar político, claro e também, um lugar institucional, e um lugar de criação de sujeito histórico, tipo: “- Eu estou agora me dizendo feminista para ocupar o lugar da minha própria liberdade em nome de uma causa que é a causa das mulheres, das mulheres que foram oprimidas, maltratadas, subjugadas, violentadas e mortas pelo sistema chamado então, nesse contexto, de patriarcado.” (TIBURI, Márcia. 2015)

4. CONCLUSÕES

Atualmente a pesquisa apresenta-se nos momentos de estado da arte, revisão teórica e recorte da metodologia; para escolha dos processos e procedimentos que serão usados durante a etapa de encontro com as subjetividades e as materialidades dos “habitares” que serão visitados.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, G. **O que é contemporâneo?** E outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.

Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil / Ermínia Maricato... [et al.] – 1. Ed. – São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013. 112p.; 23 cm (tinta vermelha)

ESPINOZA, B. **Ética.** Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007[1677].

FLACSO. J.J.W. **Mapa da violência 2012.** Atualização: Homicídio de Mulheres no Brasil. CEBELA. FLACSO Brasil. Agosto de 2012. Disponível em: http://www.mapadaviolencia.org.br/mapa2012_mulheres.php Acesso em: 24 nov 2015.

FREITAS, A. **O útero é do tamanho de um punho.** São Paulo: Cosac Naify, 2012. p. 45.

GUATARRI, F.; ROLNIK, S. **Micropolíticas - cartografias do desejo.** Petrópolis: Vozes, 1996. 4ªEd.

IPEA. **Atlas da violência 2017.** Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/170602_atlas_da_violencia_2017.pdf. Acesso em: 02nov17.

JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

KASTRUP, V.; BARROS, R. B. **Movimentos – funções do dispositivo na prática da cartografia.** Pistas do método da cartografia. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 79.

RIBEIRO, D. **O que é: Lugar de Fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.

SANTOS, M. G. **O feminismo na história: suas ondas e desafios epistemológicos.** In: Maria de Lourdes Borges, Márcia Tiburi (organização). Filosofia: machismos e feminismos. 1ed. Florianópolis: Ed. Da UFSC, c2014. p. 129-162.

TIBURI, Márcia. **Entrevista: Marcia Tiburi fala sobre feminismo e o papel da mulher.** 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZKwzGDH-468>. Acesso em: 08nov17.